

NOVA CONJUNTURA NA ÁSIA: DA COMUNIDADE DO LESTE ASIÁTICO À COMPETIÇÃO ESTRATÉGICA

New conjuncture in Asia: from East Asian Community to
strategic competition

José Miguel Quedi Martins¹
Gustavo Henrique Feddersen²
João Arthur Reis³
Vinícius Lanzarini⁴

Introdução

A região asiática tem vivido uma série de fenômenos políticos e securitários, como os protestos na Tailândia iniciados em 2013 que chegam ao recente golpe de estado; a disputa por chineses e vietnamitas no Mar do Sul da China, ao ser estabelecida uma plataforma petrolífera em maio de 2014; e as manifestações em oposição ao acordo de liberalização do comércio de serviços que seria firmado entre Taiwan e China, além do aumento das tensões sino-japonesas em disputas territoriais que desestruturam a Comunidade do Leste Asiático⁵. A partir disso, o presente artigo busca apontar quais os cenários possíveis para a região, dados os desdobramentos conjunturais mais prováveis e ações recentes das principais potências na região.

¹ Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutor em Ciência Política pela mesma instituição. Email: jose.martins@ufrgs.br

² Mestrando em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: gustavo.feddersen@gmail.com

³ Graduando em Relações internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: joao.arthur.reis@gmail.com

⁴ Graduando em Relações internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: vinicius.lanzarini@outlook.com

⁵ Origina-se em 1997, a partir da aproximação dos países da região em meio à Crise Asiática. É reforçada com a Cúpula do Leste Asiático de 2005 e a postura japonesa pró-integração de 2009.

Este artigo terá quatro seções. A primeira tratará dos condicionantes da formação da Comunidade do Leste Asiático (CLA) e a aproximação entre os países da região. A segunda trata da mudança decorrente do enfraquecimento desse projeto com a tensão entre chineses e nipônicos e a ascensão de governos com pautas nacionalistas. A terceira descreverá as crises recentes citadas anteriormente, tratando do realinhamento de Estados Unidos, China, Rússia, Japão e Coreia do Sul. Por fim, considerando indicadores e possíveis cenários, a conclusão procura apontar alguns desdobramentos prováveis para a conjuntura, que dependerão majoritariamente de como serão desconstruídas as tensões atuais, quais os modelos de integração regional se sobressairão, bem como dos novos compromissos advindos das alianças entre os países.

A gênese do processo integracionista

A Doutrina Fukuda japonesa (1976-1978) de aproximação com os países vizinhos e a distribuição das cadeias produtivas pela Ásia após a 2ª Guerra Mundial, possibilitadas pelo capital de reconstrução estadunidense, estabeleceram as características modernas da integração econômica regional (ARRIGHI, 1997). O fim da bipolaridade, a crise asiática e a consequente recessão trouxeram um empecilho a esse processo. A dinâmica da integração passou a disputar com a lógica da competição intrarregional. Por outro lado, o vácuo de poder deixado pelo recuo estratégico estadunidense com o fim da Guerra Fria, somado à manutenção da interdependência econômica entre os países da região, propiciou o diálogo China-Japão-Coreia como forma de, ao mesmo tempo, gerenciar a competição e cooperação econômica e buscar autonomia política frente à ordem unipolar (HUNTINGTON, 1997; BEUKEL, 2006).

O modelo adotado foi um “condomínio de potências”, isto é, nos termos de Buzan e Weaver (2003: 62), um regime de segurança centrado na cooperação desses três países com a ASEAN⁶. A consolidação desse processo veio com a confluência dos governos favoráveis à integração na China e no Japão, o que resultou na assinatura de acordos formulados nas cúpulas trilaterais. Entretanto, crescentes tensões relacionadas

⁶ O resultado disso é o Fórum Regional da ASEAN (1994), ASEAN+3 (1997), Sunshine Policy (1998), o início da Cooperação Trilateral (2008) e a Iniciativa de Chiang-Mai (2010).

às disputas pelas Ilhas Diaoyu/Senkaku e sua compra simbólica, em 2012, pelo prefeito de Tóquio de um particular japonês, levam a um distanciamento entre China e Japão. Assim, as iniciativas integracionistas ficam em segundo plano nas relações trilaterais.

A situação pós-crise das diaoyu/senkaku

Após a aquisição, pelo Japão, das ilhas disputadas, ocorreu uma alteração no padrão de interações entre chineses e japoneses. Teve início uma série de protestos nacionalistas e antinipônicos na China, hostilizando indivíduos e empresas japonesas no país, forçando o encerramento de suas atividades em solo chinês. Esse fato levou a uma diminuição abrupta de 1,4% no fluxo comercial entre os dois países nos oito primeiros meses de 2012, revertendo o crescimento registrado no ano anterior e o investimento estrangeiro direto dos japoneses na China (FACKLER, 2012). Os valores de comércio eram estimados em US\$ 345 bi em setembro de 2012 (BBC, 2012). Além da redução do comércio, houve também danos indiretos, devido à interdependência de cadeias produtivas.

Uma das decorrências mais significativas dessa série de eventos, contudo, seria a alteração da correlação de forças no sistema político dos dois países, levando à ascensão de governos com política externa mais assertiva no âmbito regional em comparação com seus antecessores. No Japão, Shinzo Abe se elegeu em dezembro de 2012 com um discurso nacionalista e mais alinhado aos Estados Unidos; na China, em novembro do mesmo ano, ocorreu o XVIII Congresso do PCCh, em que pavimentou-se não só a transição de poder entre Hu Jintao e Xi Jinping, como, mais importante, a reformulação do Politburo com uma composição mais favorável ao “grupo de Xangai”⁷.

Outra consequência desses episódios foi uma alteração qualitativa do pivô americano para o Pacífico. Anunciado inicialmente em 2011, com o discurso do presidente estadunidense Barack Obama na base de Darwin, essa reorientação

⁷ O Partido Comunista Chinês é dividido em duas facções principais: a ala ligada à Juventude do Partido Comunista, que preza pela estabilidade social, via distribuição de renda e redução das disparidades regionais, e cujo principal expoente é Hu Jintao; e o “grupo de Xangai”, vinculado a Jiang Zemin e centrado no crescimento econômico acelerado, propondo reformas para aumentar a competitividade de empresas chinesas (VISENTINI, 2011).

estratégica buscava consolidar a presença dos Estados Unidos na região da Ásia-Pacífico. Contudo, o aumento das tensões na região fez com que essa mudança assumisse um caráter mais militar e de contenção da China, o que se verifica através do posicionamento de forças nas Filipinas, Austrália e Cingapura. Também foi adotada uma estratégia militar visando a um possível confronto futuro com os chineses, ancorado no conceito operacional de *Air-Sea Battle* (MANYIN, 2012; EUA, 2013).

No plano econômico, foram intensificadas as negociações da Parceria Transpacífico (TPP) entre onze países que margeiam os dois lados do Pacífico, de modo a formar uma área de livre comércio que excluiria os chineses (FERGUSSON et al, 2013). Em resposta, a China propôs os projetos da Nova Rota da Seda, marítima e terrestre⁸, além de iniciar negociações para a Parceria Econômica Ampla Regional (RCEP), uma área de livre comércio formada pelos países-membros da ASEAN e países com os quais essa associação tem acordos comerciais, não incluindo assim os Estados Unidos (KWOK, 2013; DENYER, 2013; NGUYEN, 2013).

Conjuntura atual: crises, tensões e recálculos

Os avanços institucionais que apontavam para um consenso em torno de um regime de segurança, propiciado pela moldura das cúpulas trilaterais, foram substituídos por um ambiente de competição estratégica entre China e Japão, em torno do qual orbitam os demais atores da região e, em alguma medida, os próprios Estados Unidos. O reengajamento estadunidense na região também passou a incluir a costa do Oceano Índico como parte da Ásia-Pacífico, e assim as relações com os países do sul e do oeste da região foram intensificadas. Isso se deve à importância das linhas marítimas de comunicação (SEALOCs) que cruzam a região e interligam o Índico com o Pacífico e à ascensão da Índia como uma potência regional com capacidades militares significativas (MANYIN et al, 2012). Dessa maneira, cada vez mais os eventos de ordem securitária

⁸ O conceito de Nova Rota da Seda se refere a uma série de projetos de construção de infraestrutura energética e de transportes que ligaria o Leste Asiático à Europa e, subsequentemente, ao resto do Ocidente, por meio da Eurásia (KHANNA, 2008; STARR; KUCHINS, 2010; LIN, 2011). No caso da rota marítima, anunciada no East Asia Summit (Cúpula do Leste Asiático), em outubro, ela seria materializada através do aumento do tráfego marítimo e da construção de portos no sudeste asiático (KWOK, 2013).

na Ásia podem ser percebidos como parte de um “sistema de vasos comunicantes” integrado, de modo que alterações no equilíbrio de poder de determinado país ou região implicam em alterações na balança de poder do resto da Ásia.

Esse padrão é verificado nos acontecimentos que têm se seguido desde a mudança da situação regional. A China tomou ações unilaterais de afirmação de soberania sobre territórios disputados com o Vietnã no Mar do Sul da China, ao rebocar uma plataforma de exploração de petróleo para águas próximas às ilhas Paracel, cuja soberania é reivindicada pelo Vietnã. Ocorreram choques e abalroamentos entre a marinha vietnamita e a guarda costeira chinesa nas proximidades da área, bem como protestos nacionalistas e antichineses em todo o país: fábricas de proprietários chineses, taiwaneses e coreanos foram atacadas, depredadas e incendiadas, e centenas de imigrantes chineses e taiwaneses foram feridos. Após uma escalada da violência, que resultou na morte de dois chineses, China e Taiwan evacuaram seus nacionais do Vietnã (TIEZZI, 2014). A despeito da China ter tomado o primeiro passo no aumento das tensões, o Vietnã não conseguiu fazer com que uma resolução condenando a ação chinesa fosse aprovada na Cúpula da ASEAN 2014 (IVES, FULLER 2014). O fato de o governo chinês ter agido desta maneira uma semana antes do encontro regional indica que a ação pode ter sido calculada de modo a demonstrar que o país não aceitará medidas de caráter dissuasório contra si, a partir de reações dos EUA apoiando seus aliados na região (LEE, 2014; PANDA, 2014; ROZIN, 2014).

Esses eventos se deram em um contexto de desestabilização do entorno chinês no sudeste, leste e nordeste da Ásia. Na Tailândia, um dos mais significativos países da ASEAN e um dos principais pilares da posição neutralista da Associação na sua relação com a China, as Forças Armadas depuseram o governo interino e tomaram o poder do país, dias após a Primeira-Ministra ter sofrido um impeachment da parte da Suprema Corte por denúncias de corrupção. O golpe se deu após meses de protestos violentos iniciados pela oposição, que condenava o governo da Primeira-Ministra, irmã do ex-Primeiro-Ministro Thaksin Shinawatra (BBC, 2014). Importa para a China também, em termos econômicos e securitários, o Rio Mekong, que corre de seu território, pela Tailândia na fronteira com o Laos até desaguar no Mar do Sul da China pelo Camboja.

É perigoso para a China do ponto de vista geopolítico e geoestratégico a instabilidade ou aumento das rivalidades na bacia desse Rio (STRATFOR, 2012).

Há indícios de que na Coreia do Norte uma disputa pela abertura comercial tem ocorrido: seu líder parece se afastar do partido, expurgando antigos políticos, e se aproximar dos militares a fim de consolidar reformas. Assim, surgem relatos do aumento do consumo e dos bens à venda na capital do país (MAURUS, 2014) e do aumento de construções em Pyongyang, também trazidos em vídeos e relatos de visitantes (GALE, 2014; GOPRO, 2014). A parceria econômica com a China pode ser fundamental para entender essas alterações no país: é do interesse chinês estabilizar a região. Assim, as críticas aos testes nucleares norte-coreanos têm feito parte do discurso chinês. Enquanto a mídia afirma um afastamento entre China e Coreia do Norte, devido às críticas, questiona-se a assertividade desse discurso chinês. Enquanto a Ásia contém alguns dos maiores contingentes de tropas americanas no mundo, sendo o Japão o maior expoente, a China dificilmente desistiria de manter alguma influência sobre a Coreia do Norte, uma zona tampão natural para o acesso por terra pela Manchúria. Inegável, contudo, é o aumento da presença militar chinesa na fronteira com a Coreia do Norte (AVNI, 2014), que reforça a percepção de que, cada vez mais, a estabilidade na península é importantíssima para China.

Em Taiwan, a ocupação do Congresso da República da China por manifestantes foi o estopim do que ficou conhecido como Movimento Girassol, após uma manobra procedimental realizada no Congresso (o Yuan Legislativo) por parte do KMT para votar um acordo de liberalização do comércio de serviços e investimentos entre a China Continental e a Ilha, o Acordo Interestreito para Comércio de Serviços (CSSTA). O Acordo representava a continuação do processo de aproximação iniciado em 2010 com a assinatura do Acordo-Quadro para Cooperação Econômica (ECFA), mas o Congresso é ocupado por manifestantes do que ficaria conhecido como o Movimento Girassol. Após dias de ocupação, o governo cede e o Acordo volta à revisão. O Acordo representaria para Taiwan a adesão ao modelo para integração asiática baseada no RCEP, e o Movimento Girassol foi a resposta contrária a esse processo. Taiwan buscava negociar simultaneamente o CSSTA e o TPP, de modo a aumentar a interpenetração

econômica com os chineses e manter os EUA próximos, prática adotada desde 2010. Entretanto, com as turbulências internas resultante da concorrência das abordagens regionais chinesa e estadunidense, os líderes taiwaneses aparentemente resolveram seguir com cautela, com políticos tanto da situação quanto da oposição aderindo à retórica do *status quo* a fim de acalmar os ânimos internos, enquanto se espera que fique mais claro o posicionamento estratégico das grandes potências nesse momento de transição.

A China segue com uma resposta dual à conjuntura: ao mesmo tempo em que declara sua preferência pela cooperação, demonstra não ter receio em ser assertiva quando necessário. Em termos práticos, ao mesmo tempo em que unilateralmente confronta Vietnã e faz pesadas ameaças nos Diálogos de Shangri-Lá⁹, participa de exercícios militares com os Estados Unidos no RIMPAC e afirma que as relações com este país caminham para uma situação de ganhos mútuos e sem confrontação (YANPING; JIN, 2014). Ao mesmo tempo, os chineses parecem estar consolidando a Nova Rota da Seda tanto em sua versão marítima quanto terrestre, o que se verifica através do anúncio da criação do fundo bilionário para viabilizar a versão marítima (KRISHNAN, 2014) e assinar um acordo de 400 bilhões de dólares de fornecimento de gás da Rússia. Embora este último acordo fosse negociado há anos, foram os eventos na Ucrânia que aceleraram sua assinatura (MIRONOVA, 2014).

Face a esses eventos, parece haver uma reação estadunidense. Obama parece ter percebido que os Estados Unidos haviam se tornado reféns dos seus compromissos securitários na região, especialmente devido ao Tratado de Cooperação Mútua¹⁰ com o Japão e às ações tomadas autonomamente pelo U.S. Pacific Command (PACOM¹¹). De modo a evitar ser arrastado para um confronto com a China por causa desse sistema de

⁹ Os Diálogos de Shangri-Lá são encontros anuais voltados para diálogos de cooperação securitária entre ministros de defesa de diferentes países da Ásia e do Pacífico, criados em 2002 dentro do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (IISS). A sua edição mais recente se deu entre o fim de maio de 2014 e o começo de junho do mesmo ano.

¹⁰ O tratado foi assinado em 1960 e prevê que ataques realizados em solo japonês contra o Japão ou os EUA seria uma ameaça aos dois países e, portanto, justificaria uma resposta militar. A disputa entre Japão e China pelas ilhas Diaoyu/Senkaku exigiu que os EUA reafirmasse o seu comprometimento ao Tratado.

¹¹ O United States Pacific Command (PACOM) é o comando combatente unificado responsável pela garantia dos interesses norte-americanos na região do Pacífico.

alianças que datam da Guerra Fria e implicam na necessidade de defesa mútua, os Estados Unidos parecem então voltar atrás no compromisso de socorrer seus aliados em qualquer situação, conforme sinalizado pelo discurso do Presidente em Manila, nas Filipinas, durante sua mais recente viagem pela região. No contexto de acúmulo das tensões na região, muito devido à posição assertiva e nacionalista de Shinzo Abe, no Japão, não é distante um cenário de conflagração militar.

É importante notar que o rebalanceamento não está sendo abandonado, mas sim que, através da partilha dos custos da contenção à China, Obama tenta reverter o sequestro da política externa norte-americana e buscar um retorno ao posicionamento anterior ao pivô asiático (BHADRAKUMAR, 2014). Pode-se inserir nos cálculos estadunidenses a percepção de uma aproximação sino-russa à exemplo daquela que possibilitou a criação da OCX como reação ao escudo anti-mísseis da Europa, mas agora por causa da crise ucraniana e rebalanceamento asiático. Indicador dessa aproximação é o acordo sino-russo de compra e envio de gás. Assim, em um discurso em West Point, o Presidente delineou uma política que parece reeditar o conteúdo da Doutrina Nixon ao estabelecer parâmetros muito restritos a um envolvimento direto dos EUA e compartilhar os custos e responsabilidades da segurança regional com polos locais (KECK, 2014).

Conclusão

Como observado, a política dos Estados Unidos e da China para o Leste Asiático está se alterando. Resta responder como se posicionarão os países dada a nova conjuntura. Para tanto, podemos traçar alguns cenários possíveis baseados nos indicadores que geraram a atual situação.

Em primeiro lugar, o melhor cenário para a estabilidade na região seria a elaboração de uma nova moldura de regime de segurança para a região, devido à reorientação da política externa estadunidense, que coadunaria com a intenção chinesa de manter a estabilidade regional. Os indicadores que dão estatuto de realidade a essa projeção são preocupação de Obama com a concertação no Pacífico, explicitada no discurso de West Point e na recusa de apoiar o governo golpista na Tailândia, e a

participação chinesa no RIMPAC e na continuação de uma linha retórica de conciliação (PEOPLE'S DAILY, 2014). Essa configuração institucional nova seria uma aproximação da “Comunidade Pacífica”, proposta por Henry Kissinger (2012). Na prática, caracterizar-se-ia como um retorno ao sistema de cooperação das Cúpulas trilaterais entre China, Japão e Coreia do Sul somado a uma participação dos Estados Unidos.

No espectro oposto, em um cenário de maior instabilidade, as crises apresentadas na seção anterior poderiam evoluir para uma contingência de segurança séria para a China e trazer o horizonte de conflagração armada contra Japão ou Taiwan, com possibilidade real de envolvimento estadunidense. Indicadores disso seriam os compromissos norte-americanos ainda ativos com os aliados da região e a posição assertiva dos chineses nas disputas territoriais no Mar do Leste e do Sul da China.

Um cenário intermediário seria a neutralização das tensões securitárias que mantivesse a competição entre esquemas de integração econômica. Nesse cenário se mantém a competição estratégica sino-americana, como se monta desde o enfraquecimento da CLA e a proposição do TPP e do RCEP, mas se afasta a possibilidade de confronto armado. A fim de identificar os rumos que a região segue, importa observar a evolução das crises apresentadas, os modelos de integração que obtiverem mais sucesso, e os padrões de aliança que se delinearão.

Referências

ARRIGHI, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1997

_____. **O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: UNESP, 1995.

AVNI, Benny. North Korea is Losing China. Does it Have a Friend in Russia?. **Newsweek**, 13 de maio de 2014. Disponível em: <<http://www.newsweek.com/2014/05/23/north-korea-losing-china-does-it-have-friend-russia-250849.html>>. Acesso: 09 junho 2014.

BAJORIA, Jayshree; XU, Beina. **The Six Party Talks on North Korea's Nuclear Program**. Council on Foreign Relations. Setembro 2013. Disponível em: <<http://www.cfr.org/proliferation/six-party-talks-north-koreas-nuclear-program/p13593>>. Acesso: 18 maio 2014.

BBC. China protests: Fears Rise over Japan-China Trade Ties. **BBC News**, 18 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/business-19632047>>. Acesso: 10 junho 2014.

_____. Thailand military seizes power in coup. **BBC News**, 22 de maio de 2014. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-asia-27517591>>. Acesso: 16 junho 2014.

CORDESMAN, Anthony H.; HESS, Ashley. **The Evolving Military Balance in the Korean Peninsula and Northeast Asia – Volume III: Missile, DPRK and ROK forces, and external nuclear forces**. CSIS: Washington, 2013.

DENYER, Simon. China bypasses American 'New Silk Road' with two of its own. **The Washington Post**. Washington DC, 14 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/world/asia_pacific/china-bypasses-american-new-silk-road-with-two-if-its-own/2013/10/14/49f9f60c-3284-11e3-ad00-ec4c6b31cbcd_story.html>. Acesso: 21 dezembro 2013.

FACKLER, Martin. Sleepy Islands and a Smoldering Dispute. **The New York Times**, 20 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2012/09/21/world/asia/japan-china-trade-ties-complicate-island-dispute.html>>. Acesso: 10 junho 2014.

FEDDERSEN, Gustavo. **China e Taiwan: evolução das relações interestreito**. Monografia. UFRGS: Porto Alegre, 2013.

GALE, Alastair. After Building Collapse, North Korea Plays Up Safety. **The Wall Street Journal**. 21 de maio de 2014. Disponível em: <<http://blogs.wsj.com/korearealtime/2014/05/21/after-building-collapse-north-korea-plays-up-safety/>>. Acesso: 08 junho 2014.

_____. Pyongyang Threatens to End Venture. **The Wall Street Journal**, 08 de abril de 2013. Disponível em: <<http://online.wsj.com/news/articles/SB10001424127887323550604578410010892971052>> Acesso: 19 mai 2014.

GOPRO. **City Tour of Pyongyang, North Korea**. Direção: Aram Pan. Duração 22'49". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D4hLctBvojE#t=52>>.

HUNTINGTON, S. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997.

KECK, Zachary. Obama's Nixon Doctrine. **The Diplomat**, 29 de maio de 2014. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2014/05/obamas-nixon-doctrine/>>. Acesso: 16 junho de 2014.

KHANNA, Parag. **O Segundo Mundo: Impérios e Influência na Nova Ordem Global**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Simon & Schuster, 1994.
_____. The Future of U.S.-Chinese Relations. **Foreign Affairs**, mar/abr de 2012. Disponível em: <<http://www.foreignaffairs.com/articles/137245/henry-a-kissinger/the-future-of-us-chinese-relations>>. Acesso: 16 junho 2014.

KREPINEVICH, Andrew F. **Why Air Sea Battle?** Washington: Center for Strategic and Budgetary Assessments, 2010.

KRISHNAN, Ananth. China: billion dollar-fund for maritime silk road. **The Hindu**, 20 de maio de 2014. Disponível em: <<http://www.thehindu.com/news/international/world/china-billion-dollarfund-for-maritime-silk-road/article6026755.ece>>. Acesso: 16 junho 2014.

KWOK, Kristine. China's 'maritime silk road' linking Southeast Asia faces a rocky birth. **South China Morning Post**, 18 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.scmp.com/news/china/article/1334803/chinas-maritime-silk-road-linking-southeast-asia-faces-rocky-birth>>. Acesso: 20 dezembro 2013.

LIN, Christina. **China's New Silk Road to the Mediterranean: The Eurasian Land Bridge and Return of Admiral Zheng He**. ISPSW Strategy Series: Focus on Defense and International Security, outubro de 2011.

MANYIN, Martin E. et al. Pivot to the Pacific? The Obama Administration's "Rebalancing" Toward Asia. **Congressional Research Service**, 2012. Disponível em: <<http://www.fas.org/sgp/crs/natsec/R42448.pdf>>. Acesso: 20 dezembro 2013.

MIRONOVA, Irina. Russia's gas deal with China is huge. Here's why. **Russia Direct**, 03 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.russia-direct.org/content/russias-gas-deal-china-huge-heres-why>>. Acesso: 16 junho 2014.

NGUYEN, Phuong. China's Charm Offensive Signals a New Strategic Era in Southeast Asia. **Center for Strategic and International Studies**, 17 de outubro de 2013. Disponível em:

<http://csis.org/files/publication/131017_SoutheastAsia_Vol_4_Issue_21.pdf>. Acesso: 10 dezembro 2013.

PANDA, Ankit. Why Did China Set Up an Oil Rig Within Vietnamese Waters? **The Diplomat**, 13 de maio de 2014. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2014/05/why-did-china-set-up-an-oil-rig-within-vietnamese-waters/>>. Acesso: 16 junho 2014.

ROZIN, Igor. Russia reorients to the Orient. **Russia Direct**, 06 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.russia-direct.org/content/russia-reorients-orient>>. Acesso: 16 junho 2014.

STARR, S. Frederic; KUCHINS, Andrew. **The Key to Success in Afghanistan: A Modern Silk Road Strategy**. Washington DC: Central Asia-Caucasus Institute & Silk Road Studies Program, 2010.

STRATFOR. **The Geopolitics of Thailand: A Kingdom in Flux**. 3 de junho de 2012.
TIEZZI, Shannon. China, Taiwan Evacuate Citizens as Vietnam Tightens Security. **The Diplomat**, 20 de maio de 2014. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2014/05/why-did-china-set-up-an-oil-rig-within-vietnamese-waters/>>. Acesso: 16 junho 2014.

WORLD BANK. **World Bank Open Data**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/>>. Acesso: 15 maio 2014.

YANPING, Wu; JIN, Huang. RIMPAC drill signals China-U.S. trust building. **People's Daily**, 10 de junho de 2014. Disponível em: <<http://english.people.com.cn/n/2014/0610/c90000-8739452.html>>. Acesso: 15 junho 2014.

Resumo

O presente artigo analisa os recentes acontecimentos no Leste Asiático: da formação ao enfraquecimento da proposta de uma Comunidade do Leste Asiático; as crises na Tailândia, Vietnã e Taiwan; e o novo quadro de competição estratégica envolvendo, de um lado, China, e, do outro, Japão e Estados Unidos.

Palavras-chave

Leste Asiático, República Popular da China, Estados Unidos da América

Abstract

This article analyzes recent events in East Asia: from the proposal to the weakening of an East Asian Community; the Thailand, Vietnam and Taiwan crises; and the new framework for strategic competition involving, on the one hand, China, and on the other, Japan and the United States.

Keywords

East Asia, People's Republic of China, United States of America

Artigo recebido em 10 de junho de 2014.

Aprovado em 22 de junho de 2014.